

E nós que amávamos tanto a revolução...

# **E NÓS QUE AMÁVAMOS TANTO A REVOLUÇÃO**

**TEXTO DE EWERTON FREDERICO**

**CENA 1**

O palco está totalmente escuro. Um homem entra, ele está apenas com a luz da lanterna acesa. Aponta para platéia.

**HOMEM:** Alguém deseja sair?(pausa) Alguém deseja sair?(enfático) Vocês pelo menos tiveram escolha.  
Blecaute.

**CENA 2**

Época atual

No centro do palco esta um Velho sentado em uma cadeira de rodas. Ele sofre de Parkinson, a luz da lanterna é apontada para ele. A cena remete a um interrogatório.

**HOMEM:** O senhor é acusado de prender e torturar presos políticos durante o regime militar no Brasil.

**VELHO:** E que provas essas pessoas tem contra mim?

**HOMEM:** Um parente de uns dos presos te reconheceu e o denunciou por assassinato!

**VELHO:** Infâmia, infâmia... Querem me desmoralizar diante da minha corporação e da minha família. O que mais eles querem se nem a minha própria vida eu tenho mais.

**HOMEM:** O que o senhor fazia no Dops?

**VELHO:** Eu era delegado e naquela época as leis eram para ser cumpridas e não questionadas.

**HOMEM:** E o senhor nunca viu cenas de torturas nas celas do Dops?

**VELHO:** Depende do que o senhor chama de tortura...

**HOMEM:** Cadeira do dragão, pau de arara, choque elétrico...

**VELHO:** Olha(P) Se fiz alguma coisa de errado peço desculpas, dizer que não cometi erros é hipocrisia, eu também não concordava com aquilo, mas o que eu podia fazer?

**HOMEM:** Vou te falar alguns nomes...

**VELHO:** Não adianta. Já faz muito tempo e naquela época as coisas estavam complicadas. O presidente Costa e Silva tinha acabado de assinar o Ato Institucional N.5.

Eu vi muita gente entrar ali. Estudantes, professores, sindicalistas, jornalistas. Foi um ano tumultuado.

**HOMEM:** João, Pedro, Paulo, Ana...(P) Antonio Maria Pereira!  
O Velho reage ao ouvir o nome.

**HOMEM:** Este é o nome do homem que uma mulher o acusa de ter assassinado. Era um homem pacato, professor de uma escola primaria e que nunca se envolveu com política.

**VELHO:** Ninguém que é preso é totalmente inocente. Mas eu me lembro desse homem. Eu tentei ajudá-lo, mas ele não aceitou.

**HOMEM:** Então o senhor...

**VELHO:** Não! Se vai me perguntar se eu o matei, não. Este homem quando entrou no Dops, já estava morto.

Som de tiro. Blecaute.

### CENA 3

Sala do DOPS.

São Paulo, dezembro de 1968 (após o AI-5). Música.

ANTONIO MARIA esta sentado, olha para os lados nervoso.

Á sua frente esta um Homem que bate á maquina freneticamente.

O ESCRIVÃO fixa os olhos em Wladimir que se sente desconfortável.

Longo silêncio.

ESCRIVÃO: Nome?

ANTONIO MARIA: Antonio Maria Pereira.

**ESCRIVÃO:** Cidade onde nasceu?

**ANTONIO MARIA:** Belo Horizonte.

**ESCRIVÃO:** Mora em São Paulo á quanto tempo?

**ANTONIO MARIA:** 20 anos.(Descontraído) Mas sou mineiro, o mineiro sai de Minas, mas Minas não sai do mineiro já dizia Drummond.

O Escrivão reage ao ouvir o nome.

**ESCRIVÃO:** Quem é este?

**ANTONIO MARIA:** Drummond (pausa) Carlos Drummond de Andrade.

**ESCRIVÃO:** Ele também é um terrorista?

**ANTONIO MARIA:** Não! Ele é um poeta, escritor é mineiro, meu conterrâneo.

Homem volta a datilografar.

**ESCRIVÃO:** Data de nascimento?

**ANTONIO MARIA:** 29 de Maio de 1924.

**ESCRIVÃO:** Idade?

**ANTONIO MARIA:** 44 anos.

**ESCRIVÃO:** Estado civil?

**ANTONIO MARIA:** Solteiro, sem filhos.

**ESCRIVÃO:** Filiação?

**ANTONIO MARIA:** Antonio Carlos Pereira e Maria Aparecida Pereira, meus pais já são falecidos.

Escrivão para de bater a máquina.  
Olha com desdém para Antonio Maria.  
Volta a datilografar.

**ESCRIVÃO:** Profissão?

**ANTONIO MARIA: Sou professor de uma escola primária.**

**Escrivão lê com atenção o que escreveu.  
Fala dando ênfase a cada palavra.**

**ESCRIVÃO: O senhor é acusado de pertencer a várias organizações terroristas...**

**ANTONIO MARIA(INTERROMPENDO): Terroristas!**

**ESCRIVÃO:O senhor também é acusado de promover mensagens com conteúdo subversivo que ameaça a ordem da segurança nacional.  
(pausa) Como se declara?**

**ANTONIO MARIA: Inocente.**

**Escrivão volta a datilografar.  
Aperta com muita força a ultima tecla.  
Os dois se olham.  
Blecaute.**

#### **Cena 4**

**Retro projetor com cenas de manifestações contra a ditadura.  
Fotos e noticias da época.Na falta das projeções pode ser usado também uma rosa no centro de palco com um foco fechado.**

**Narração em off:**

**Existem alguns anos em nossas vidas que são divisores. Cenas de atos que ficam registrados na memória de nossa história. É como ouvir uma musica que nos faz lembrar de alguém que deixou marcada a sua passagem. Imagine agora que com a sua idade atual, você acaba de voltar no tempo. Estamos em 1968, de repente você esta em uma passeata com cem mil pessoas, gritando palavras de ordem contra o regime. Dos edifícios, papéis picados e aplausos, isso te enche de orgulho e autoconfiança. Na cabeça, o grande hino da época, Pra não dizer que não falei das flores, de Geraldo Vandré. A revolução esta logo ali na esquina, ao alcance de todos, com a cabeça cheia de idéias e nas mãos um fuzil.**

**Chegam os homens, é a policia, marcham juntos, munidos de escudos e cacetetes de madeira, o cheiro do gás lacrimogêneo sufoca. Tem gente que sai com o rosto ensopado de sangue e hematomas pelo corpo. A policia leva, prende e dá uns cascudos. Se você não apanhou muito e nem foi preso, da pra chegar num barzinho no começo da noite pra**

encontrar o pessoal da esquerda intelectualizada. Entre chopes e cuba-libre, você tira da bolsa um exemplar da revista Veja que acabou de ser lançada. Ali lemos e discutimos notícias que nos deixam indignados, como a invasão dos tanques soviéticos na Tchecoslováquia, você chora com o assassinato de Martin Luther King, quer se vingar dos PMs que mataram o estudante Edson Luiz. Um amigo teu comenta da estréia da peça Roda Viva de Chico Buarque e Jose Celso no teatro Ruth Escobar em São Paulo, a policia chegou quebrando tudo desceu o cacete nos atores. Daí alguém coloca na vitrola o disco Tropicália.

Mas depois de um discurso do deputado Marcio Moreira Alves, o presidente Costa e Silva decretou o Ato Institucional n 5. Foi o golpe dentro do golpe, depois disso qualquer vestígio de liberdade se evaporou. A policia saiu atirando para matar, o DOPS passou a ser a casa de quem ia contra o regime, ali era cenário de prisões e torturas. A campanha Brasil ame-o ou deixe-o, era o lema de quem preferiu ficar e viver com razão. Teve gente que pra não morrer subiu no rabo de um foguete e foi embora. O cerco tinha se fechado e a juventude queria ser como "Che" Guevara. As pessoas passaram a pegar a pegar em armas para começar a guerrilha contra a opressão e o totalitarismo. Há quem pagou com a própria vida o desejo de liberdade. Gente que tinha culpa e gente que nada devia, mas mesmo assim pagou.

Assim era viver naquele ano de 1968, foram anos de crença, em que se acreditava no homem, na política e na moral. Tinha-se fé na revolução que ia mudar o país, a Terra e a humanidade.

Fim das imagens.  
Blecaute.

Cena 5  
Som de gritos.

Foco em Antonio Maria que esta no centro com as mãos amarradas e um capuz na cabeça.

Antonio Maria(Murmurando): Água...água...

Del.Miranda(Entrando):Fernando Gabeira,Deputado Rubens Paiva,Wladimir Herzog.Vamos fale aqui para o seu companheiro,quero nomes,quero endereços,quero saber quem é quem destas organizações que vocês criaram.Fala!

Antonio Maria(Gritando): Eu não sei!

Del.Miranda (incisivo): Não sabe? Então como explica que um jornalzinho comunista de merda tenha publicado um poema de sua autoria.

**Antonio Maria:** Eu não sei, só tomei conhecimento desta publicação quando fui trago para cá.

**Del. Miranda:** Então o r. alega que teve um manifesto contra o governo, publicado em um jornal de grande circulação sem o seu consentimento?

**Antonio Maria:** Isso mesmo, mas não é um manifesto, é um poema.

**Del.Miranda:** O que o Sr. faz, trabalha em que?

**Antonio Maria:** Sou professor,dou aulas em uma escola primaria.

**Del.Miranda (irônico):** E nas horas vagas é poeta?

**Wladimir:** Eu escrevo poesias, mas são muito pessoais nunca mostrei a ninguém. Por isso nem sei como um poema meu foi publicado em um jornal.

**Del.Miranda** entra na sala.  
Esta fumando um charuto.

**Del.Miranda:** Estivemos em sua casa, bem grande por sinal, para um homem que mora sozinho, sem esposa, sem filhos...

**ANTONIO MARIA:** A casa é herança de meus pais, que já são falecidos.

**Delegado:** Nos já sabemos disso Sr Antonio Maria, sabemos tudo a seu respeito.Uma casa bem grande,fico tentando imaginar que tipos de planos obscuros vocês faziam dentro daqueles cômodos.

**ANTONIO MARIA:**Nunca me reuni para confabular coisa alguma,nunca me envolvi com política.

**Del.Miranda:** E com que o senhor se envolve?

**Antonio Maria:**Tenho um compromisso com o meu trabalho,com meus alunos.

**Del.Miranda:** E...

**Antonio Maria:**É só isso,não me envolvo com política sou um homem descente.

**Del.Miranda:**Esta dizendo que a política é imoral?

**Antonio Maria:**Há muitas coisas acontecendo por ai,e nem todas podemos dizer que sejam legais.

**Del Miranda:**E que tipo de coisas seriam essas?

**Antonio Maria:**Acho que essa pergunta o senhor pode responder melhor do que eu.

**Del.Miranda (Cínico):** Então o senhor diz não pertencer a nenhuma organização terrorista,alega que não sabe como um poema seu foi publicado e que não oferece nenhum risco a segurança nacional.

**Antonio Maria:** Isto mesmo senhor,eu não tenho nada haver com isso. Eu só quero voltar pra minha casa.

**Del.Miranda:** O senhor vai voltar pra casa, só que antes temos que resolver um problema.

**Wladimir:** Qual senhor?

**Del.Miranda:** O Sr. se declara inocente de todas as acusações que lhe foram feitas. Neste caso, nós temos aqui um ato de injustiça contra um cidadão de bem. Responda-me uma coisa “poeta”, acha que os policiais responsáveis pela sua arbitrária prisão devam ser punidos?

**Antonio Maria (pensa):**Cada um age de acordo com sua consciência.

**Del.Miranda:** A policia age de acordo com o que é melhor para o país.Devemos proteger pessoas de bem,de pessoas como você.

**Antonio Maria:** Senhor eu já estou aqui nem sei quanto tempo, o meu corpo todo esta dolorido de tanta pancada que já me deram. Perguntaram-me um monte de coisas, querem que eu dê nomes, mas eu não sei de nada, eu só quero voltar pra casa.

**Del.Miranda:** O Sr.fuma?

**Antonio Maria** acena com a cabeça que não.

**Del.Miranda:** São charutos cubanos, dizem que são os melhores, ganhei de meu sogro. Já estive em Cuba Senhor Antonio Maria? O que acha de Fidel

Castro? Eu particularmente acho que ele é um porco socialista de merda. E você o que acha?

Antonio Maria: Eu nunca estive em Cuba, portanto, eu não sou comunista.

Del.Miranda: O Senhor não é comunista? Então como explica que este poema de conteúdo claramente subversivo tenha sido publicado?

Antonio Maria: Eu não sei senhor, isto é apenas um poema antigo, eu o escrevi apenas com a intenção de ser um poema, nada mais.

Del.Miranda: Neste caso eu vou ler para que o senhor tenha a idéia do tamanho do seu crime.

Del.Miranda retira um papel do bolso, e com um certo cinismo, começa a ler.

Del. Miranda:

“Amanhã”

Por favor, acendam as luzes,  
Eu não quero dormir agora.  
Antes prefiro ouvir um disco na vitrola.  
A canção?  
Não importa...

Musica.

Antonio Maria começa a falar o poema junto com o Delegado.  
Em um determinado momento, o delegado para e Antonio termina por recitá-lo sozinho.

Antonio e Del.Miranda:

Desde que abafe o som que vem de fora.  
Veja, o livro ainda esta na pagina marcada.  
Como terminará a historia?

Antonio recita sozinho:

Não, não vá embora.  
É muito tarde pra sair agora,  
Fique e tranque a porta.  
Logo, logo chegara a aurora.  
Amanhã eu varrerei o chão,  
Pintarei paredes,

Jogarei no lixo o que não serve mais.  
Como aquela roupa velha...  
Que eu usava há algum tempo atrás.  
Amanhã eu correrei na areia,  
Subirei em arvores,  
Colherei maçãs,  
Amanhã e nos amanhãs...

Sobe a música.  
Silêncio.

Del.Miranda: Isto é uma nítida tentativa de promover a anarquia, uma forma que vocês comunas estúpidos encontraram para desestabilizar o governo. (Pausa) Senhor Antonio me responda uma coisa, o que pensa do Brasil?

Antonio Maria: Eu amo o meu país.

Del.Miranda: E do governo, o que acha?

Antonio fica em silêncio.

Del.Miranda (insiste) Eu lhe fiz uma pergunta, e do governo, o que pensa?

Antonio Maria: Penso que nenhum governo é maior do que o seu povo.

Del.Miranda aplaude sinicamente.

Del.Miranda: Bravo! Bravo! (Pausa)O senhor é um tipo de comunista, que eu ainda não conhecia. Julga-se inocente de todas as acusações e vem me dizer que nenhum governo é maior que seu povo!

Antonio Maria: É nisso que eu creio.

Del.Miranda (ameaçador): Acredito que tenha percebido senhor poeta, que aqui nós temos meios muito úteis para obter informações. Mas para provar que este é um regime democrático vou lhe dar uma alternativa. Você assume o seu desligamento da organização e entrega os nomes e endereços dos integrantes do movimento, e em troca eu me comprometo de providenciar a sua liberdade. E então, não é uma boa troca?

Antonio Maria: Eu não posso barganhar com o que eu não tenho.

Del.Miranda avança para Antonio com extrema violência.

Dá um golpe de gravata.

Del.Miranda: Acho melhor facilitar o meu trabalho, porque se não vou enfiar um ferro no teu cu só que antes vou esquentá-lo na brasa.

Antonio Maria: Mas eu já disse que não sei de nada. Qual é a minha culpa, a de ser poeta ou a de ser inocente?

Del.Miranda (áspero): Não existem inocentes entre os que não apóiam o governo.

Antonio Maria: Vocês me acusam de pertencer as varias organizações terroristas, mas nada disso faz sentido. Sou professor de uma escola cujos pais são militares, acha mesmo que se eu tivesse escondendo alguma coisa eu viveria por ai, indo e voltando...

Del Miranda: E não esconde?

Antonio Maria: Não escondo porque nada sei, mas acho que é o senhor quem está se escondendo, me mantendo com a cabeça coberta, talvez com medo de que eu o veja.

Del. Miranda: Então você prefere bancar o herói a colaborar conosco, seu comunista filho da puta, eu quero olhar para a tua fuça, eu vou cuspir em você enquanto estiver apanhando. Vamos ver até aonde vai o seu heroísmo.

Del.Miranda avança para Antonio Maria.

Com violência afoga o professor num tonel cheio de água.

Arranca o capuz.

Os dois se olham, parecem estar diante de uma visão aterradora.

Del Miranda: 1944. Rio de Janeiro. Eu e você nos juntamos a cinco mil homens e embarcamos naquele navio responsável pelo nosso transporte até a baía de Nápoles, onde lutaríamos juntos em campos europeus em defesa da...

Antonio Maria(cínico): Democracia, da justiça... Os nossos ideais mudaram muito.

Del.Miranda: Foi você que... salvou a minha vida, que me tirou da linha de fogo e impediu que um tiro de fuzil atravessasse o meu crânio.

**Silêncio.**

**Antonio Maria: Como a vida é irônica, não acha?**

**Del.Miranda (murmura): É...**

**Antonio Maria: Miranda... Posso te chamar assim? (Pausa) Acho que não, o senhor agora é uma autoridade. Delegado?**

**Del.Miranda confirma com a cabeça.**

**Antonio Maria: E o que tem feito da vida? (Insinuoso) Além disso, é claro!**

**Del.Miranda: Estou cumprindo com o meu dever de cidadão. Como homem da lei tenho que zelar pela ordem a favor da segurança do nosso país.**

**Antonio Maria: Claro, afinal o que seria de um país sem as leis.**

**Del.Miranda: Eu consigo entender a sua ironia... Eu também estou atordoado com tudo isso... Mas este é o meu trabalho, e sou pago pra isso.**

**Antonio Maria:Eu sempre tentei imaginar o que teria acontecido com você,mas nunca imaginei que estivesse tão mau.**

**Del.Miranda: Você foi torturado vários dias seguidos. Estão te tratando como Judas e vão fazer com você o que fizeram com Cristo. Porque não fala logo o que queremos saber. Até parece que você quer morrer.**

**Antonio Maria: Não falo nada porque nada sei. Essa é a opção que fiz diante da vida. (Conformista) Depois disso tudo, morrer é secundário.**

**Del.Miranda: Quer ser mártir, pra quê? Já foi herói. Posso te tirar daqui, sem nenhuma lesão a mais, basta me entregar os seus companheiros da organização. Posso conseguir fazer com que saia do país em segurança.**

**Antonio Maria: Exílio não!**

**Del.Miranda: Mas você não quer ir pra casa, não quer ter a sua vida de volta?**

**Antonio Maria: Ser exilado é pensar na volta o dia inteiro. (Pausa) Agora já nem sei mais, antes eu pensava que pra viver bastava eu voltar pra casa.**

**Del.Miranda: Mas você não quer voltar?**

**Antonio Maria: Só quero voltar, se eu pudesse voltar inteiro.**

**Del.Miranda: Eu garanto a tua integridade física.**

**Antonio Maria: Não é disso que estou falando. É algo maior que isso, a minha integridade física e moral deixou de existir quando eu entrei aqui. Só quero deixar claro, que a minha decadência não foi vocacional, nem planejada, foi imposta.**

**Del.Miranda: Senhor Antonio Maria o Brasil é um país livre, aqui não impomos nada a ninguém. Mas não podemos deixar que ele se transforme em uma terra sem leis, em um faroeste, onde qualquer um pode fazer o que bem quiser e ficar impune. (Pausa) Sabe o que eu não entendo, como pode uma pessoa inteligente como o senhor que há anos atrás estava lutando comigo em defesa do país, tenha hoje se debandado para essa organização comunista antinacionalista.**

**Antonio Maria: Eu lutei contra a tirania e em favor da liberdade. E quanto a este movimento do qual me acusam pertencer, eu não sei se é antinacionalista ou não, só sei que eu não sou comunista.**

**Del.Miranda: Eu preciso perguntar algo... Hoje depois de tudo o que foi dito, você se arrepende de ter salvado a minha vida?**

**Antonio Maria: Não! Eu fiz o que deveria ter feito, como você fará o que deve fazer. Afinal, você é pago pra isso, não é isso que o senhor sempre diz.**

**Del.Miranda: Se você pelo menos concordasse em entregar os terroristas.**

**Antonio Maria (riso irônico): Terrorista! Nunca pensei que um dia alguém me chamaria assim.**

**Del. Miranda: Você está rindo de uma situação crítica.**

**Antonio Maria: Não adianta eu dizer que pegaram o homem errado. Nunca vão acreditar em mim, não é?**

**Del. Miranda: Entenda uma coisa. (Pausa) Imagine que isto é uma partida de futebol. Um jogador do seu time chutou a bola para fora, um jogador do meu agarrou e se intitulou o dono dela. Vocês tentaram brigar, mas não**

conseguiram, o juiz estava do nosso lado e deu cartão vermelho para o adversário. Final do jogo 1 X 0 para nós.

Antonio Maria: Pelo visto, você também não acredita que eu seja inocente.

Del. Miranda: E isso faz alguma diferença?

Antonio Maria: Acho que não...Já que você me colocou do outro lado da trincheira. Lutamos juntos, mas isso foi há muito tempo.

Del. Miranda: Eu ainda guardo a minha farda.

Antonio Maria: Eu não. Joguei a minha fora.

Del. Miranda: Por que?

Antonio Maria: Naquela época éramos muito imaturos, por mais que nos dissessem o que era a guerra, o nosso pensamento era de quem ia fazer turismo.

Del. Miranda: Mas nós estávamos preparados para morrer, no front é você ou o inimigo, cara a cara.

Antonio Maria: Mas lá nos conhecíamos o inimigo, sabíamos quem ele era e ainda assim, se eu encontrasse um deles e ele levantasse as mãos se rendendo, eu não atirava. Havia ética e respeito, diferente de agora.

Del. Miranda: Lá não dava tempo de sentir medo. O pior vem depois na hora de dormir qualquer ruído te assusta.

Antonio Maria: Pra mim o pior era entrar na casa das pessoas para procurar bombas ou inimigos. A sensação de deixar as pessoas apavoradas era horrível. É contra o meu principio de vida.

Del. Miranda (frieza): Mas tudo isso já passou. Estamos vivos e já escrevemos o nosso nome na história.

Antonio Maria: Essa história que também foi escrita com o sangue de muitos pracinhas brasileiros que não retornaram.

Del. Miranda: Mas toda guerra é assim. Alguns ganham, outros perdem. Nós vencemos.

**Antonio Maria:** Estupidez achar que existe vantagem em vencer uma guerra. Até hoje escuto o barulho das balas passando raspando por minha cabeça. Tenho pesadelos quando me lembro daquela imagem grotesca do corpo do ditador Benito Mussolini pendurado em praça pública. Na guerra não tem quem vença, só quem perde.

**Del. Miranda:** Talvez você tenha razão. Mas isso não importa mais agora.

**Antonio Maria:** Claro que importa, não percebe a situação em que estamos. Esta também é uma guerra que vocês declararam. Só vão me considerar inocente se eu me declarar culpado. Essa é uma guerra injusta.

**Del. Miranda:** Se eu pudesse, eu não teria escolhido te reencontrar dessa forma. Mas nem sempre temos escolhas.

**Antonio Maria:** Temos sim.

**Del. Miranda:** Mas a escolha que você está fazendo no momento, não é muito favorável.

**Antonio Maria:** Veja bem. A minha escolha é a verdade, confio nela. Se me mandarem atravessar um campo minado com os olhos vendados eu vou, porque conheço o meu medo e o meu limite. Quando você assume uma escolha e essa escolha é a verdade que você acredita, então você já está pronto para escolher.

**Del. Miranda (incisivo):** A verdade que eu acredito é essa em que eu vivo, e é nela que escolho permanecer. Você pode me chamar de sádico, de louco ou o que quiser. Esse é o nosso governo, e é por ele que eu vivo.

**Blecaute.**

**Cena 6**

Luz, indicando passagem de tempo.

Musica. Entra o delegado.

**Antonio Maria:** Achei que você não voltaria mais.

**Del. Miranda:** Eu voltei pra dizer que você não tem mais tempo e nem escolha. (Pausa) Eu tentei de alguma forma convencer os outros que você é apenas um bode espiatório, mas eles não se convenceram disso. A tua única saída é assumir a culpa e entregar os outros.

**Antonio Maria:** Então eu acho que o meu atestado de óbito já foi assinado!

**Silêncio.**

**Antonio Maria: Pode soltar as minhas mãos?**

**Del. Miranda: Pra que?**

**Antonio Maria: Calma eu só quero um cigarro.**

**Del Miranda: Mas você não fuma.**

**Delegado retira o cigarro do bolso.**

**Acende os cigarros**

**Antonio da uma tragada engasga e solta a fumaça, fica brincando com ela. Os dois sentam na mesa um de costas para o outro.**

**Del. Miranda: Daqui a algumas horas será 1969.**

**Antonio Maria: 1968...O ano que não terminou. Talvez um dia alguém escreva sobre isso.**

**Del. Miranda: Dizem que o homem vai chegar a Lua no próximo ano, pelo menos é o que os americanos pretendem.**

**Antonio Maria: É o desejo de ser livre, o homem nasceu para ser livre. Me lembro da primeira vez que os russos mandaram aquela cadelinha para o espaço, nunca me senti tão triste.**

**Del. Miranda (apagando o cigarro no chão): Acho que já esta na minha hora. (Pausa) Ainda dá tempo de você mudar de idéia.**

**Antonio Maria: Agora entendo, porque sempre me disseram que eu sou um idealista sem causa alguma.**

**Antonio levanta.**

**Segue até o delegado.**

**Wladimir: Quero que saiba que foi uma honra ter lutado ao seu lado naquela guerra (bate continência).**

**Del. Miranda visivelmente emocionado repete o gesto.**

**Antonio Maria: Mas amanhã é um outro dia.**

E nós que amávamos tanto a revolução...

**Delegado vai saindo.**

**Para um instante e vira-se para Antonio tenta abraçá-lo,mas este se recusa.**

**Del. Miranda:Quando chegar a hora, feche os olhos, respire fundo e você não sentirá nada:**

**Antonio Maria:Como você sabe disso?**

**Música.**

**Foco sobre os dois,luz vai apagando lentamente.**

E nós que amávamos tanto a revolução...